

## RENATO CAMPOS: EM TORNO DO SEU MODO DE SER SOCIÓLOGO

---

Gilberto Freyre  
Sociólogo-Antropólogo

Da Sociologia pode-se quase dizer o que do Reino dos Céus — feitos os necessários descontos, é claro — dizem as Escrituras: uma casa com muitas moradas. O que significaria haver várias sociologias dentro da global; e vários modos de um sociólogo interpretar, praticar, realizar sua vocação. Ou que lhe permitam intitular-se sociólogo.

Dá um sociólogo como Simmel ter sido considerado por sociólogos alemães, seus contemporâneos, um herege entre ortodoxos; Mumford ser visto por sociólogos estadunidenses do tipo professoral, ou Ph. doutoral, como simples escritor literário e não sociólogo; os sociólogos mais estritamente marxistas só entenderem por sociologia científica a da sua exclusiva interpretação de Marx. Atitude que foi, antes deles, a dos Comtistas ortodoxos com relação à sociologia, para eles como que religiosamente "científica", além de "filosófica" e aplicável à ação política, fundada por Comte.

Explica-se, assim, que diante de um intelectual tido por sociólogo, seja preciso identificar-se o seu modo de interpretar a sociologia e praticá-la. Sobretudo quando esse intelectual é, ao mesmo tempo que sociólogo, escritor literário: escrevendo em língua corrente em vez de requintado em escrever sociologês.

O caso de Renato Carneiro Campos, há pouco falecido. E cuja presença se fez notar tanto nas letras como nos estudos sociais brasileiros.

Nesses estudos, terá sido especificamente sociólogo? De que modo? Terá conciliado sua condição de sociólogo com a de escritor literário? Ou sua suposta ou autêntica sociologia se apresenta prejudicada por literatice ou por beletismo ou por puro impressionismo?

São perguntas oportunas a seu respeito. Impõem-se a quem pretender interpretar a figura mista de Renato Campos: a de sociólogo ao mesmo tempo que escritor literário, se é que assim misto, ou paralelamente, o sociólogo ao lado do escritor literário, Renato terá se realizado ou se afirmado como sociólogo.

Diferente dos sociólogos mais esquemáticos ou somente estatísticos ou de todo hirtos no seu uso de um sociologês arrevesado, nem por isto Renato Carneiro Campos terá deixado de ser sociólogo. Em livro intitulado *Como e porque sou e não sou sociólogo*, publicado pela Imprensa da Universidade de Brasília, já procurei abordar o assunto: essa espécie de "to be or not to be" que é ser um pesquisador social ou um teórico da sociologia, sociólogo quando seu comportamento desajustado daqueles padrões como que sectários. Pois há, dentro da Sociologia atual, umas como que seitas de intérpretes ou práticos dessa ciência que, pretendendo ser os verdadeiros sociólogos, repudiam quem não se apresentar exatamente igual a eles nos princípios e nos métodos. E apresentam-no como não-sociólogo e até como anti-sociólogo.

Para maior projeção do que foi esse seu modo de ser e não ser sociólogo — projeção sobre jovens, como ele, atualmente, à procura de uma expressão sociológica que não seja a esquematicamente científica ou quantitativa — há de decerto concorrer a próxima publicação de seus inéditos e dispersos. Publicação que tornará menos mítica e mais exata sua figura de recifense cuja busca de saber sociologicamente sério foi, paradoxalmente, antes favorecida que prejudicada pelo por vezes boêmio que nele coexistiu com o homem de estudo, ligado tanto ao Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais como ao Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco. Na revista *Ciência & Trópico*,<sup>4</sup> e <sup>5</sup>do Instituto Nabuco, e nos anais do Seminário, encontram-se trabalhos seus, — ou intervenções suas, sempre lúcidas, em debates do Seminário — que, reunidos em livro, confirmarão do modo por que Renato foi sociólogo científico, sendo, também, humanista: inclusive escritor literário.

Boêmio ele foi por vezes. Nunca a combinação criador — boêmio, admitida por Thomas em sua tão sugestiva tipologia, foi, adaptada a brasileiro, tão exata. O comunicativo, o extrovertido, o "jolly-good fellow" que nele caracterizou o boêmio, acentue-se que só fez favorecer em Renato a ta-

refa de pesquisador social. Favoreceu-a conquistando para o entrevistador a confiança dos entrevistados quase sempre rústicos, quer a pesquisa fosse sobre a ideologia de poetas populares, quer sobre religião ou sobre a arte, também populares, analfabéticas, intuitivas, em suas expressões regionais.

Saliente-se que ao seu modo de ser sociólogo não faltou aquela insatisfação de vários outros sociólogos dentre os mais modernos, com aquelas sociologias como que ortodoxas, atuais ou já clássicas — insatisfação da qual nos dão notícia obras como a recente *Toward a New Sociology*, do sueco Professor Martin Alwod<sup>1</sup> — que chega a denunciar, por um lado, a sociologia intitulada marxista como “a private religion rather than a public science”, e, por outro lado, a considerar a quantitativista, como “statiscal mumbo jumbo” — e a recentíssima e notável *The Normative Structural of Sociology*, do Professor Hermann Strasser,<sup>13</sup> do Instituto de Estudos Avançados, de Viena, (de quem acabo de receber carta solicitando-me que prefacie a próxima edição do seu livro em língua portuguesa), com suas análises do que considera “a liberative potencial” na nova sociologia de Alvin W. Gouldner e reinterpretção de “conflito social” noutra nova sociologia, a de Lewis A. Coser.<sup>6</sup> Pena que no seu contacto com o Recife, em maio deste ano de 1977, o sociólogo sueco não tenha se avistado com Renato. Dele teria ouvido o brasileiro reparos que coincidiriam com os seus pontos de vista sobre o risco da sociologia reduzir-se a “puro intelectualismo” sempre que deixe de reconhecer “a presença de outras dimensões da realidade além das contidas pela ciência como sistema”.

Também interessaria a Renato, como sociólogo, tomar conhecimento do igualmente recente *Against Method*, de Peter Feyrrabend,<sup>8</sup> em que o autor sustenta a tese “a proliferação da teoria é benéfica para a ciência”, podendo o mesmo dizer-se — acrescenta-se — daquela pluralidade de métodos que ao Existencialismo francês Jean Pouillon, como depois dele a críticos ingleses, pareceu uma das antecipações brasileiras a seus colegas da Europa e dos Estados Unidos. Esse critério, seguiu-o Renato Carneiro Campos, quer nas pesquisas sociais realizadas para o Instituto Nabuco, quer nas suas intervenções em debates travados no Seminário de Tropicologia: nova ciência ecoantropossocial concebida pelos que, no Recife, a vêm procurando sistematizar matéria dispersa — a relativa aos trópicos — sob perspectiva pluri-disciplinar.

A presença de Renato Carneiro Campos entre sociólogos brasileiros cedo se definiu com o seu trabalho de primeira mocidade e hoje clássico *Ideologia dos Poetas Populares do Nordeste*.<sup>2</sup> assunto e até título que me orgulho de lhe ter sugerido, quando me ocorreu ligar a sua inteligência, o seu talento, o seu saber em formação e ainda um tanto sem rumo certo de jo-

vem intelectual, à mesma espécie de sociologia e, ao mesmo tempo, de literatura em que eu próprio vinha procurando, em estudos e em pesquisas sociais, abrir caminho diferente dos convencionais. O que causou escândalo, é claro, a sociólogos brasileiros ortodoxamente subeuropeus ou subianques e, fora do Brasil, a ortodoxos dos mais duros. Foi isto já há alguns anos.

Dirigia eu, então, a pedido insistente daquele educador, no Brasil, até hoje, sem igual, que foi o verdadeiramente educador, mestre Anísio Teixeira, o Centro que, por incumbência de amigo tão insigne, concordara, afastando-me um tanto das minhas normas, em organizar no Recife: o Centro Regional de Pesquisas Educacionais filiado ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos do Ministério da Educação e Cultura. As pesquisas educacionais se realizariam dentro do seu contexto sócio-regional. Por conseguinte de acordo com aquele critério de reinterpretar-se toda matéria social brasileira considerando-se o Brasil, não um todo monolítico e sim inter-regional: dinamicamente inter-regional. Critério renovador de perspectivas tanto em estudos socioculturais e antropossociais brasileiros como em artes e em letras e que, tendo tido o seu ponto de partida no Recife do começo da década vinte, permaneceria uma presença recifense, constantemente reavivada nesses estudos assim como naquelas artes e naquelas letras. Reavivada inclusive, pelo início, também no Recife, na década seguinte, de toda uma nova interpretação da presença negra ou africana na formação tanto sociocultural como étnica, do Brasil.

Duas novas interpretações da realidade brasileira que Renato Campos, ainda adolescente e já cheio de inquietações e curiosidades, em torno de assuntos tropicalmente brasileiros, encontraria já definidos ao deixar-se atrair pelo estudo de tais assuntos. Estudos dentro dos socioculturais de sua predileção, sem que tal pendor importasse em adesão de sua parte a qualquer cientificismo fechado ou sociologismo auto-suficiente. Ou a *ismo* secretamente ideológico.

Nele o gosto pelas Ciências Sociais tomaria o aspecto daquela combinação de ciência com humanismo — com filosofia, com história, com artes e, principalmente, com literatura — que viria acentuar-se na sua atividade intelectual, com o escritor literário, o ensaísta, o romancista ou o novelista em potencial, não se deixando apagar ou abafar pelo cientista social. Isto é, por um cientista social que fosse quase tecnocrático no seu modo de ser sociólogo.

A projeção do seu nome e da sua obra de sociólogo prematuramente desaparecido, sobre a cultura brasileira começa a ser a de um renovador dessa cultura no setor da sociologia em sentido oposto ao tecnocraticamente

sociológico. Tende a fazer-se sentir num tempo além do seu: do vivido cronologicamente por ele até os quarenta e seis anos. E que foi apenas o início de sua plena maturidade ou da plena posse, por mestre ainda jovem, de uma consciência de sociólogo em que o humanismo e a própria literatura acompanhassem a ciência.

A marca da presença de Renato Carneiro Campos nas letras brasileiras é das que se acrescentam inconfundivelmente ao seu além-tempo: à sua sobrevivência, apenas em começo, nessas letras, como um dos mais incisivos ensaístas literários de sua geração, ao qual decerto se juntará, quando for publicado, o romance que deixou escrito, seu talento de ficcionista também a seu modo. A seu modo porque Renato foi daqueles dos quais sempre será preciso dizer que foi isto ou foi aquilo, não convencionalmente, ou de todo ortodoxamente, mas sempre a seu modo: renatianamente.

Daí ser sempre preciso acentuar-se, a propósito do sociólogo que ele foi, ter sido sua sociologia quase o oposto da convencionalmente sociométrica, estatística, quantitativista. Para os sociólogos dessa espécie ele não terá sido sequer sociólogo. Renato Carneiro Campos poderia ter escrito, na verdade, um outro *Como e porque sou e não sou sociólogo*,<sup>9</sup> semelhante ao escrito por sociólogo brasileiro mais velho do que ele. Uma auto-análise em que renatianamente expusesse aspectos da sua maneira de ser sociólogo sem seguir as normas ou as convenções que caracterizam, no prático ou no professoral, o devoto de uma como que oficialmente sociométrica sociologia. Ou uma sociologia anti-humanística de tão fechada no seu sociologismo com pretensões a de todo científico.

Basta que se leia seu *Ideologia dos Poetas Populares do Nordeste*. Lembre-se, de passagem, que Renato Carneiro Campos está ligado à história do Instituto Nabuco, não só pela sua atividade de pesquisador durante vinte e sete anos como pelo fato de ter sido o primeiro nomeado, em 1950, para integrar o ainda incipiente quadro técnico de recém-fundado e pioneiro órgão federal de pesquisa científica. Nomeação pela qual, é justo que se recorde, empenhou-se o então Senador Novais Filho, tão entusiasta, no Senado Federal, da idéia de comemorar-se com a fundação do Instituto o primeiro centenário de nascimento de Joaquim Nabuco "reformador social" — título tão reclamado para si próprio pelo mais que abolicionista Nabuco — quanto, na Câmara, José Augusto, Luís Viana Filho, Munhoz da Rocha.

Será sociológica a perspectiva pela qual o autor de *Ideologia dos Poetas Populares do Nordeste* considera, nesse ensaio, assunto tão alicianste? Ou, em vez dessa perspectiva, o livro é apenas comentário literário a tema

tão mais-que-literário no sentido de não ser somente — se o é — beletrístico? Escrito com sabor literário, mereceria, só por isso, o repúdio daqueles que exigem de quanto seja ou pretenda ser sociológico ser escrito naquele já referido sociologês? A verdade é que o sociologês quase sempre parece encobrir ou dissimular a pobreza ou a fraqueza de poder analítico, de capacidade de síntese, de ânimo de comunicação daqueles que pretendem ser consagrados sociólogos ou cientistas ou pensadores sociais, contrapondo-se de todo ao por eles desdenhados “literatos” no trato lúcido, claro, nítido, de assuntos sociais. Lembro-me de que, certa vez, ao consultar-me um mestre sem dúvida magistral, o geógrafo e, de certa altura em diante, sociólogo, Delgado de Carvalho sobre nomes de precursores da moderna sociologia no Brasil que devesse considerar em livro sobre o assunto, incluí Euclides da Cunha.<sup>7</sup> Espantou-se, a princípio, o Professor Delgado de Carvalho. Mas acabou concordando. Realmente, quem mais perceptivamente sociológico no trato, no começo do século, de assuntos histórico-sociais ou parasociais brasileiros, do que o autor de *Os Sertões* e de ensaios interpretativos da então tão ignorada, nos seus aspectos sociais, Amazônia? O que nos leva a considerar também, senão sociológicos, valiosamente parassociológicos, ensaios na mesma época publicados por José Veríssimo, sobre assuntos igualmente amazônicos; e sobre outros aspectos da situação social brasileira, por Silvio Romero, Alberto Torres, Alberto Rangel, Artur Orlando, Nina Rodrigues, Oliveira Lima, sem nos esquecermos dos mais antigos. *O Abolicionismo*, de Joaquim Nabuco por exemplo.<sup>11</sup> E entre os ainda mais madrugadores, o autor de *A Escravidão no Brasil*, Perdigão Malheiros,<sup>10</sup> Antonio Pedro de Figueredo, Lopes Gama, Abreu e Lima, Joaquim de Aquino Fonseca, os quatro, significativamente intelectuais do Recife da primeira metade do século XIX. Intelectuais do Recife, pelas suas virtudes de expressão literária, com pleno direito a figurarem em qualquer história da literatura brasileira traçada sob critério mais amplo que o apenas beletrístico: critério posto em voga, no Brasil da década cinquenta, por críticos literários excessivamente ciosos de uma para eles quase sagrada castidade dessa espécie, como indispensável à condição literária: beletrística. Zelo, esse, a que corresponderia o dos defensores da castidade, para eles científica, em trabalhos de ciência social. Semelhante critério excluiria, do rol de cientistas sociais brasileiros, todos os autores, seguindo tais cientificistas, suspeitos de literatice por escreverem com graça ou com vigor literário sobre assuntos sociais ou mesmo sociológicos. Daí o espanto daquele mestre, aliás ilustre, de Ciência Social, quando lhe sugeri a inclusão de Euclides da Cunha entre precursores brasileiros da Sociologia.

Renato Carneiro Campos foi sociólogo sendo, na sua maneira de expressar-se como sociólogo, escritor irredutivelmente literário. E escritor literário dos melhores, dentre os que têm enriquecido, desde o classicamente

modelar Antonio Vieira, a prosa em língua portuguesa, voltados para assuntos sociais. Voltados para tais assuntos através do que, também desde o pré-sociólogo Vieira, tem sido a hoje denominada "observação participante". Quem mais mestre dessa espécie de observação — a participante — do social, que o insigne Jesuíta como pré-sociólogo? Ou que seu contemporâneo, no Brasil, Gregório de Matos?

Renato Carneiro Campos tendia a seguir-lhes os exemplos remotos — remotos e clássicos — no trato de atualíssimas recorrências na vida social brasileira provocadoras tanto da sua observação como da sua crítica social. Foi observando e participando, como pesquisador social, desse tipo de observação sociológica — a participante — que elaborou, além de *A Ideologia dos Poetas Populares do Nordeste*, seus estudos sobre a presença Protestante em meios rurais do Nordeste; sobre relações de arte com religião popular, no mesmo Nordeste; sobre tempos sociais representativos de transição no mesmo Nordeste. Estudos notavelmente perceptivos, por mais que um ortodoxo da sociometria possa alegar contra eles que lhes faltam — o que é certo — números, estatísticas, gráficos, matemática. A percepção, porém, no sociólogo, é virtude básica, sendo cientificamente válida sempre que confirmada por evidências, documentos, depoimentos vindos de viventes e conviventes de meio e de tempo sociais estudado: recolhidos da realidade perceptivamente descoberta. Além do que, à compreensão e à interpretação dessa realidade hipotética ou intuitivamente descoberta, admite-se que, aos meios estritamente objetivos de estudo, acrescentem-se, quando imprescindíveis, os transobjetivos que, sem contrariar os objetivos, vão além da pura e, por vezes, insuficiente objetividade. É quando a chamada imaginação sociológica surge sem dever ser tida como intrusa: colaboradora humanística e, por vezes, até poética — como admitia Roger Bastide — do esforço científico.

Ainda se pode dizer, a propósito da correlação, em Renato Campos, entre o escritor literário e o analista social que, nele, como no precursor da literatura, no Brasil, voltada para o social, para o convivente, além do socialmente vivente, que foi, na mesma época de Vieira, Gregório de Matos, houve, ao lado de um por vezes introvertido, aquele quase sempre "extrovertido, festivo" e como tal "barroco", da lúcida caracterização do crítico Eduardo Portela, no seu recente "Gregorio de Matos (maneirismo e barroco)", em *Tempo Brasileiro*, 45, 46 abr./set., 1976.<sup>12</sup> Assim barroco, Renato Campos, em nossos dias, como no século XVII brasileiro, Gregorio de Matos, em nenhum momento assumiu aquela "postura de espectador", a que se refere Portela. O qual acrescenta do, através da crônica em versos, crítico e até, por vezes, analista social, Gregorio de Matos, ter se confundido e misturado "com a cena do tempo", com "a vida cotidiana", podendo autobiografar-se, como se autobiografou, nas palavras "carregado de mim ando no mundo".

Não seria inexato dizer-se de Renato Campos que, tanto como cronista literário do cotidiano recifense quanto como pesquisador de recorrências sociais nordestinas, foi sempre um carregado de si mesmo diante de outros: daqueles outros que procurou analisar, compreender, interpretar, quer literária, quer sociologicamente. Ou de modo simultâneo: literária e sociologicamente.

A verdade é que Renato Campos, parente não de todo remoto de Gregório de Matos, evidentemente pertenceu à raça intelectual — literária ou sociológica — dos empáticos, dos autobiográficos, dos que, paradoxalmente, atingem êxitos de exatidão analítica e, através dessa exatidão, de síntese também exata, sentindo-se nos outros e sentindo os outros em si próprio. Se Gregório, para mais uma vez citar-se o crítico Eduardo Portela, pode ser considerado o primeiro autor brasileiro “a estabelecer um contraponto produtivo entre o popular e o culto”, não há despropósito em enxergar-se em Renato Campos um, de maneira inteiramente nova, gregoriano, ao conseguir, como escritor e como sociólogo, contraponto semelhante ao inaugurado, na literatura e na pré-sociologia brasileira, por Gregório de Matos. Ao interpretar ideologias populares, religiosidades populares, artes populares, Renato Campos como que atualiza o método de abordagem, por indivíduo culto, de tais expressões de comportamento de gentes de classe diversa da sua, inaugurado, no Brasil, por Gregório: “o bacharel coimbrão” transformado em “antiletrado”. Renato Campos não chega a tornar-se, nas suas abordagens, um autoletrado. Consegue desbacharelar-se para aperceber-se do que sente o iletrado. Consegue compreender o que para esse iletrado é heróico; o que, para ele, é virtude; o que é honra; o que repugna, por exemplo, ao ruralita do Nordeste, no Comunismo; o que o fez rejeitar Luís Carlos Prestes; o que continua a ligá-lo ao seu Catolicismo: (seu por não ser exatamente o oficial, muito menos o progressista); o que, entretanto, vem levando alguns a adotar o evangelismo.

Há, assim, uma tradição brasileira de “observação participante” de coisas sociais que, sendo principalmente humanística — Antonio Vieira, Gregório de Matos, Antonio Pedro de Figueredo, Abreu e Lima, Lopes Gama, entre os já clássicos — não deixa de ter constituído lastro para o que viria a ser essa espécie de observação em termos mistos: humanísticos e científicos. O caso de estudos dos já recordados Silvio Romero, José Veríssimo, Alberto Torres, Joaquim Nabuco, Oliveira Lima. E também dos de alguns de Fernando de Azevedo, Alceu Amoroso Lima, Carneiro Leão. Ou dos principalmente científicos como os de Artur Orlando, Nina Rodrigues, Roquette Pinto, Ulysses Pernambucano, Delgado de Carvalho, sem se fecharem a perspectivas humanísticas.

É uma tradição a que se pode associar a maneira por que Renato Campos seria, ao mesmo tempo, cientista social e escritor literário, e, através dessa perspectiva dupla — mista, nuns casos, noutros, paralela — observador participante do comportamento de objetos ou sujeitos ecologicamente condicionados. Quando observador sociológico, de acordo com a orientação do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais no qual, ainda muito jovem, se integraria.

Integração que se aprofundou com o tempo, até tornar o jovem bacharel em Direito pela Faculdade do Recife e aquela instituição, o Instituto Nabuco, de tipo novo e pioneiro para o Brasil, e, mais do que isto, para a América do Sul, inseparáveis. Quem hoje pretender tratar a história do Instituto terá que deter-se na figura de Renato Carneiro Campos, seu pesquisador desde o amanhecer do Instituto e, de certa altura em diante, diretor do Departamento de Sociologia. Por outro lado, quem se dedicar à tarefa de biografar Renato terá que considerar, na definição de sua personalidade, sua ligação, sua identificação, com o Instituto Nabuco.

O Instituto se destacaria pelo seu corajoso empenho de procurar desenvolver uma ciência social que, sem deixar de ser ecumênica, se especializa em considerar sujeitos e objetos de seus estudos dentro de ecologias, além de tropicais, brasileiras e até regionalmente brasileiras. Dentro de situações e, também, desígnios ou futuros brasileiros; além, portanto, de adesões absolutas a fórmulas, soluções, métodos ortodoxamente europeus ou norte-americanos, isto é, estadunidenses; além de importações de supostas verdades, de início universalmente válidas, decretadas por essas fontes — sem dúvida alguma, respeitáveis — como definitivas para qualquer espaço ou qualquer situação ou qualquer tempo social. Por essa atitude, o Instituto Nabuco se situa na história do pensamento e dos estudos sociais não-europeus e não estadunidenses, como o primeiro esforço idoneamente coletivo, da parte de responsáveis pela orientação e pela metodologia desses estudos, — a iniciativa de métodos interdisciplinares, por exemplo — no sentido de uma reivindicação de sua independência em face de ortodoxias imperiais. Esforço de reivindicação de independência que vinha se esboçando em indivíduos destemidos como, no Brasil, J. B. Lacerda, Alberto Torres, Roquette Pinto. Uns raros outros. Indivíduos que, no setor intelectual, como que concorreram para consolidar a independência brasileira vinda, no setor político, de 1822, através principalmente do esforço de José Bonifácio. Um José Bonifácio a quem, aliás, não faltara a consciência da importância daquela outra autonomia que se afirmasse, no setor transpolítico, nas depois chamadas “soluções brasileiras para problemas brasileiros”. Soluções sociais, econômicas, políticas, científicas, técnicas.

Em ligação com o Instituto Nabuco, Renato Carneiro Campos se afirmaria como jovem renovador, no Brasil, de pesquisa social, através de uma liberdade de expressão que dificilmente lhe teria sido possível noutra instituição do País ou da Região. Liberdade de expressão disciplinada, é claro, por um senso, que não lhe faltou como pesquisador do Instituto Nabuco, de responsabilidade científica, de responsabilidade humanística, de responsabilidade brasileira. Justamente as três responsabilidades que vêm orientando os objetivos e a ação do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

Daí, poder registrar-se, de Renato Carneiro Campos, que pode ter tido, pessoalmente, simpatias por causas especificamente políticas ou ideológicas. Mas sem nunca ter procurado fazer de ciência ou de pesquisa cientificamente social veículo de tais suspeitas: nele, aliás, nunca absorventes. Sem ter se deixado empolgar por qualquer dessas causas ao ponto de ter se tornado um sectário de qualquer *ismo* fechado; ou sequer um comprometido com qualquer ideologia do mesmo tipo. O senso de responsabilidade científica, de responsabilidade humanística, de responsabilidade brasileira, nunca lhe faltaram. Leiam-se os seus estudos publicados: em todos se afirma esse seu senso de responsabilidade tríplice. Senso de responsabilidade ligado à sua constante vigilância além da analítica, auto-analítica; além de crítica, autocrítica.

Da inteligência de Renato Campos, tão fortemente criadora, o ânimo crítico foi característica sempre presente. Sempre atuante. Sempre a conter, no extrovertido, pendores a excessos de extroversão.

A extroversão tão do seu modo de ser. Tão da sua personalidade de homem comunicativo. Tão daquele boêmio que nele coexistiu com o criador.

O paradoxal é que, junto ao boêmio, ao extrovertido, ao comunicativo de palavra fluente e de riso fácil, houve nele um, por vezes, introvertido. E, nesse introvertido, um homem sensível ao próprio mistério religioso.

O que, quem tiver alguma coisa de psicólogo, perceberá na sua sociologia e na sua literatura. No magnífico escritor literário que ele foi. No pesquisador social nem sempre à parte desse escritor: às vezes coexistente com ele. Personalidade complexa, a desse intelectual nunca livresco nem abstrato nem de gabinete. Sempre vivente. Sempre convivente.

## BIBLIOGRAFIA

- 1 – ALLWOD, Martin. *Toward a New Sociology*. [s.n.t.]
- 2 – CAMPOS, Renato Carneiro. *Ideologia dos poetas populares no nordeste*. Recife, Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, 1959. 118 p.
- 3 – \_\_\_\_\_ . Anotações sobre a vida e a obra de Gilberto Freyre. *Ciência & Trópico*, Recife, 2 (2): 263-279, jul. dez., 1974.
- 4 – \_\_\_\_\_ . Oliveira Lima: cidadão do mundo. *Ciência & Trópico*, Recife, 1(1): 23-38, jan./jun., 1973.
- 5 – COSER, Lewis A. *The Functions of Social Conflict*. London, Routledge Kegan Paul, 1956. 188 p.
- 6 – CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: (campanha de canudos)*. 12. ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1933. 646 p. ilustr.
- 7 – FEYERRABEND, Peter. *Against Method*. [s.n.t.]
- 8 – FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou Sociólogo*. Pref. de Roberto Lyra Filho. Brasília, Universidade de Brasília, 1968. 189 p. Inclui bibliografia.
- 19 – PERDIGÃO MALHEIROS, Agostinho Marques. *A escravidão no Brasil: ensaio histórico jurídico-social*. Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1866. 3v.
- 10 – NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. São Paulo, Ed. Nacional, 1938.
- 11 – PORTELA, Eduardo. Gregório de Matos (maneirismo e barroco). *Tempo Brasileiro*, 45,46 abr./set., 1976.
- 12 – STRASSER, Hermann. *The Normative Structural*. [ s.n.t. ]

